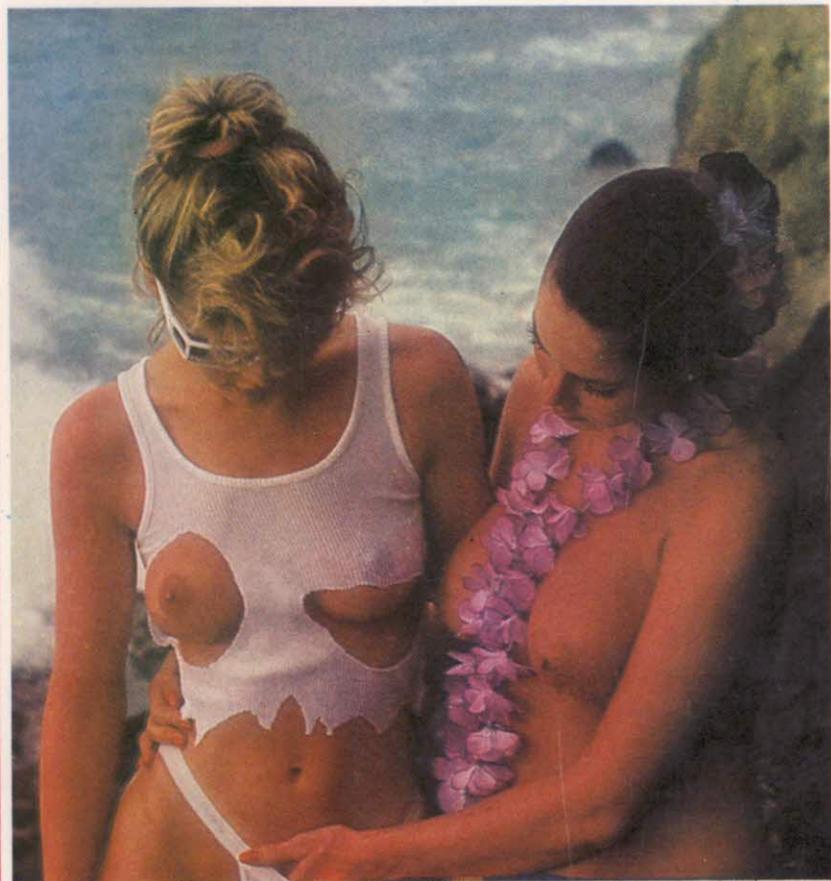


# O Lesbianismo NO BRASIL



LUIZ MOTT

MERCADO  ABERTO

BAJUBÁ  
Livraria

A diversidade das identidades sexuais, incluindo as homossexuais, é uma realidade que deve ser respeitada e aceita. O Brasil precisa avançar na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos possam viver em liberdade e dignidade.

Os direitos humanos são universais e não podem ser negados a ninguém. A discriminação baseada no sexo ou orientação sexual é uma violação dos princípios fundamentais da democracia e da cidadania.

É fundamental que o Brasil promova políticas públicas que garantam a igualdade de direitos e o respeito à diversidade. A luta por uma sociedade mais justa e igualitária é uma luta por uma sociedade mais humana e mais democrática.

LUIZ MOTT

# O Lesbianismo no Brasil



série  
**DEPOIMENTOS**

MERCADO  ABERTO

BAUBÁ

Capa: Leonardo M.B. Gomes  
Composição: Jorge Cortezi  
Revisão: Rosane Gava  
Supervisão: Sissa Jacoby  
Foto da capa: Earl Miller  
Editor: Roque Jacoby

Copyright de Luiz Mott, 1987

M9211 Mott, Luiz.  
O lesbianismo no Brasil / Luiz Mott. -  
Porto Alegre : Mercado Aberto, 1987.  
220 p. - (Depoimentos, 16)

CDU 176  
176.4  
176.4-055.3  
159.922.1

O

Índices alfabéticos para catálogo sistemático:

Moral sexual	176
Perversões sexuais: Moral	176.4
Lesbianismo	176.4-055.3
Sexualidade: Psicologia	159.922.1

Bibliotecária responsável: Rejane Raffo Klaes CRB-10/586.

Todos os direitos reservados a  
Editora Mercado Aberto Ltda.  
Rua Santo Antonio, 282 - Fone (0512) 21 8595  
90220 Porto Alegre - RS

São Paulo: Rua Cardeal Arcoverde, 2934 - Fone (011) 814 8916  
Pinheiros - 05408 - SP

ISBN 85-280-0022-2



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
<b>CAPÍTULO I</b>	
AS LÉSBICAS NA HISTÓRIA DO BRASIL .....	19
<b>CAPÍTULO II</b>	
AS LÉSBICAS NA LITERATURA BRASILEIRA .....	63
<b>CAPÍTULO III</b>	
AS LÉSBICAS NA ATUALIDADE .....	139
CONCLUSÃO .....	215



**LUIZ MOTT** é Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo; Mestre em Etnologia pela Sorbonne, Paris; Doutor em Antropologia pela Universidade de Campinas. Desde 1979 atua como Professor Adjunto na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, onde reside. Nasceu em São Paulo, SP, em 1946. É fundador do Grupo Gay da Bahia.

#### OBRAS PUBLICADAS

*Piauí colonial: população, economia e sociedade.*  
Teresina, Secretaria de Cultura, 1985.

*Sergipe del Rey.* Aracaju, Fundação Estadual de Cultura, 1986.

*Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos.* Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1982.

**"Toda mulher tem um pouco de lésbica."**  
(Simone de Beauvoir: *O 2º Sexo*)

## INTRODUÇÃO

Quando os portugueses desembarcaram na Terra de Santa Cruz, uma das “aberrações” que mais chamou a atenção dos colonizadores foi a presença entre os indígenas, sobretudo nas aldeias dos Tupinambá, de inúmeras mulheres ultramasculinizadas que em tudo copiavam a maneira de ser dos homens: musculosas, manejavam corajosamente o arco e a flecha, tinham outra mulher com quem viviam casadas, e segundo os primeiros cronistas, “a maior injúria que lhes podiam fazer era chamá-las de mulher”. Tinham essas primeiras Amazonas até nome próprio: “Çacoãimbe-guira”.

Ainda no primeiro século de nossa história, quando a terrível Inquisição mandou seus Visitadores ao Brasil, uma dezena de mulheres na Bahia e em Pernambuco foram denunciadas e castigadas por terem praticado com outras mulheres o “abominável pecado de sodomia, ajuntando seus vasos naturais, tendo deleitação . . .” No século XVII elas eram chamadas “machão”.

Vasculhando arquivos nacionais e lusitanos, revendo as biografias de nossas heroínas e mulheres célebres, consultando antigos livros e teses de Medicina e Direito Penal, conseguimos localizar evidências bastante sólidas de que as lésbicas estiveram presentes no Brasil desde os primórdios de nossa história. Fomos encontrá-las nas três raças, tanto nas classes baixas quanto nos salões imperiais, seja nos claustros, seja nos campos de batalha, quer na zona rural, quer nas zonas de meretrício do Rio de Janeiro na virada deste século.

Este é portanto o tema do primeiro capítulo deste livro: as lésbicas na história do Brasil. Antes de prosseguir, julgamos oportuno fazer aqui dois reparos: primeiramente esclarecer que, como Antropólogo de formação, nosso principal interesse de pesquisa nos últimos anos tem sido a

história da homossexualidade masculina no mundo luso-brasileiro. E foi exatamente procurando pistas sobre os “sodomitas” que encontramos aqui e acolá referências históricas ou literárias às homossexuais femininas. Assim sendo, ao sistematizar essas informações, somos quem primeiro reconhece os limites e lacunas deste levantamento, que se comparado com o que já dispomos sobre os homossexuais masculinos não representa sequer a décima parte da documentação. Considerando porém que até hoje ninguém se deu ao trabalho de sequer arrolar os nomes das lésbicas mais destacadas de nosso passado, oferecemos esse levantamento como ponto de partida, esperando que outros estudiosos ou estudiosas ampliem o universo pesquisado.

O segundo reparo tem a ver com a própria raridade da documentação referente ao homossexualismo em geral. Sendo o amor entre pessoas do mesmo sexo considerado milenarmente como um dos mais abomináveis pecados, causador da ira divina que por sua prática castiga a terra com inundações, terremotos e epidemias, foi a sodomia penalizada por Javé e pelo Rei como crime passível de morte por apedrejamento, fogueira, forca, decapitação, campo de concentração, etc., ficando os parentes dos condenados inábeis e estigmatizados publicamente por três gerações. Não é de se estranhar, por conseguinte, que família alguma desejasse conservar a memória de seus membros inculcados por tão vergonhoso crime. Por isto, cumprindo à risca o ensinamento do Apóstolo Paulo – o principal teórico da intolerância contra os homossexuais na Cristandade – determinando “que estas coisas não fossem sequer mencionadas entre vós!”, a homossexualidade masculina e feminina passou a ser conhecida como “pecado nefando”, isto é, cujo nome não pode ser pronunciado. Apesar do termo “homossexual” ter sido cunhado desde 1869, ainda nos finais do século XIX Oscar Wilde referia-se ao homoerotismo como “o amor que não ouça dizer o nome . . .”

Se a documentação sobre a história dos sodomitas é rara e lacunosa, as informações sobre o amor entre mulheres são ainda muitíssimo menos numerosas, fragmentárias, quando não inexistentes. Se para os gays masculinos houve um verdadeiro complô do silêncio dos donos do poder e de seus escribas, destruindo-se evidências comprobatórias do amor unissexual entre membros do sexo forte, no caso do lesbianismo a falta de documentos se deve mais à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face à sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno da atenção do sexo forte. Portanto, a história do lesbianismo até pouco tempo era uma página totalmente em branco, que somente nos últimos anos tem merecido atenção de alguns poucos estudiosos. E devido aos milênios de alienação e inferioridade da mulher em nosso mundo geralmente têm sido os intelectuais do sexo masculino quem iniciam tais estudos e pesquisas.

Também neste particular repetimos a mesma história do que ocorreu nos Estados Unidos: lá foi um homossexual, Donald Cory, quem em 1965 publicou a primeira síntese sobre o amor entre mulheres: *Lesbianism in America*. Aqui, duas décadas depois, é a vez de um gay lançar o primeiro livro totalmente consagrado a esta minoria sexual: *O lesbianismo no Brasil*.

Confesso que me sinto neste momento um pouco constrangido em pertencer ao sexo forte. Teria preferido que uma mulher, de preferência lésbica, fosse a autora desse estudo precursor. Tenho porém alguns álibis: quando menino de 6-7 anos, tentei rebelar-me contra a imposição social de ter de agir, falar, andar, vestir-me, brincar “como homem”. Queria ser mulher, gostava de brinquedos de meninas, queria vestir as roupas de minhas irmãs, até “rouge” cheguei a passar no rosto, sempre inconformado em ter nascido com um pintinho no meio das pernas. A repressão familiar, na escola e vizinhança foi mais forte do que minha vontade infantil, mas hoje interpreto minha entrada para o seminário, inconscientemente, como a estratégia encontrada para realizar meu desejo se não de mudança de sexo (transexualidade), quando menos de travestir-me, usando se não saias, quando menos uma batina clerical. E fui vaidoso ao escolher exatamente a ordem religiosa que tinha o mais belo hábito, os Dominicanos, todo branquinho, como um vestido de noiva!

Revelando este pequeno episódio biográfico, sinto-me agora mais à vontade para continuar esse estudo sobre as lésbicas. Não sou mulher por que um acaso da natureza não m’o permitiu e fui covardemente obrigado pela sociedade a conformar-me com os papéis sociais identificadores de meu sexo biológico, caso contrário, estaria, quem sabe, fazendo concorrência com Roberta Close . . .

Sou homem, membro do sexo forte, mas sou homossexual, e af está meu principal elo de união com as mulheres em geral e as lésbicas em particular. Apesar de homem, sinto-me, na qualidade de homossexual assumido, profundamente irmanado às filhas de Eva, não tendo-as como concorrentes na disputa de Adão e de seus filhos, mas como vítimas, que todos somos, do terrível sistema de dominação baseado no machismo patriarcalista. Sistema que se mantém através da violência, da antagonização dos sexos, pela divisão da sociedade em sexo forte dono do poder e o resto, a quem chamam de sexo frágil ou segundo sexo, e a turma do terceiro sexo, também rotulados de anormais, desviados, antes pecadores e criminosos.

Como homossexual e militante do movimento gay, contesto na cama e fora dela a compulsividade do sistema sexual machista que obriga os privilegiados possuidores do falo a agirem como autômatos que devem sempre penetrar qualquer orifício, doa a quem doer, sangue a quem sangrar, arrombe a quem resistir, estupe a quem não quiser dar. Assimilando certas características culturalmente atribuídas ao sexo frágil: a gentileza, a

sensibilidade, as lágrimas, o brinco numa orelha, estou questionando a rigidez dos papéis sexuais ditados por nossa sociedade machista. Transando com outros amantes do mesmo sexo, procuro não repetir os mesmos padrões cruséis ditados por nossa ideologia falocrática, onde “foder” deixou de ser sinônimo de fazer amor, para significar genericamente “fazer mal a alguém”.

Na qualidade de membro de uma minoria estigmatizada, compartilho com as homossexuais femininas inúmeros problemas inerentes à nossa condição de “anormais” ou “desviantes sexuais”. Somos pessoas que não seguimos a norma, que enveredamos por caminhos desviados. Por esta razão, alvos do preconceito e discriminação de dia e de noite, em casa e na rua, na escola e no trabalho, pleiteamos todos, homossexuais homens e mulheres, assim como os heterossexuais que se opõem à dominação machista, uma nova sociedade em que a orientação sexual dos indivíduos seja respeitada, em que o sexo não seja critério de dominação, em que o desiderato do poeta Fernando Pessoa seja finalmente cumprido: “O Amor que é importante; o sexo, acidente; pode ser igual, ou pode ser diferente”.

Minha esperança é que em nenhuma linha deste trabalho eu seja argüido de endossar a ideologia machista e misógina dominantes em nossa sociedade cristã: políciei-me ao máximo para que tanto no estilo quanto na interpretação dos fatos prevalecesse minha solidariedade com o sexo explorado e com a sexualidade maldita das lesbianas. Procurei manter a imparcialidade requerida dos cientistas, muito embora não tenha poupado críticas ou elogios quando pareceram-me oportunos: tanto mostrei as lésbicas violentadas como os sapatões violentos, embora no final espero levar os leitores e leitoras a concluir que o Movimento Lésbico possui uma vocação profética fundamental no questionamento e superação da dominação machista, podendo funcionar como uma alavanca na instauração de uma nova ordem social pós-patriarcal e igualitária.

## II

Já falamos em lesbianismo, lésbicas, mulheres homossexuais. Mas afinal, o que vem a ser uma *lésbica*?

Se procurarmos nos dicionários, vamos encontrar vários significados para este termo e seus derivados. Sua origem provém da ilha grega de Lesbos, no mar Egeu, por isso *lésbia*, *lésbica*, *lesbiana* ou *lesbíaca* significa tanto a pessoa natural desta ilha como a língua aí falada, inclusive um tipo especial de verso pertencente à métrica da poesia helênica. *Lésbia* pode ser também nome de mulher, como a famosa eleita de Catulo e até nome de uma família de colibris. “Livros Lésbicos” era o título da obra de Dicearco,

onde se refutou a imortalidade da alma. Encontramos ainda na história luso-brasileira mulheres e livros com o nome de *Lésbia*, assim como famílias inteiras com o sobrenome Lesbos.

*Lésbica* como sinônimo de homossexual feminina só aparece na literatura francesa por volta de 1842, e na inglesa em 1870: no Brasil ao menos desde 1894 o criminalista Viveiros de Castro introduziu o termo *lésbia* como sinônimo de “invertida sexual”, passando a partir daí a ter tal significado, embora restrito sobretudo às pessoas mais eruditas. Ainda hoje, do mesmo modo como encontramos pessoas que têm dificuldade em pronunciar a palavra prostituta – preferindo transferir o *s* para outro local, dizendo “protistuta” – também encontrei “entendidas” que gaguejavam e pronunciavam *lésbica* também com o *s* deslocado, dizendo “lésbica”. Nem todos dicionários, contudo, registram esse étimo: ainda em 1980, o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Pandiá Pandu, omitia homossexualidade feminina, adotando critérios de censura mais intolerantes do que o *Vocabulário da Língua Brasileira*, dos Jesuítas, que já em 1621 traduzia o tupi *çacoãmbeguira* como “machão, mulher que não conhece homem e tem mulher, falando e pelejando como homem”.

Foi na ilha de Lesbos que viveu a poetisa Safo, seis séculos antes de nossa era – portanto aproximadamente 2616 anos passados. Para Platão, malgrado sua misoginia, Safo de Lesbos devia ser considerada a décima musa, tamanho valor atribuiu a seus versos, versos que cantam livremente o amor entre mulheres, seus amores e paixão por suas companheiras. Daí seu onomástico e o de sua ilha – safismo, sáfico, safista e lesbianismo, lesbismo, lesbiana, *lésbica* – passaram a ser usados como sinônimos de *tribadismo*, palavra igualmente grega, que significa o ato de uma mulher “roçar” com outra. “Roçadinho” como equivalente a lesbianismo vem registrado no Brasil desde 1907, no livro *A Libertinagem no Rio de Janeiro*.<sup>1</sup>

Contemporaneamente, vários são os termos populares, registrados nos dicionários eróticos e de palavrão, utilizados no Brasil para se referir às *lésbicas*. Eis alguns deles: fancha, fanchona, fissureira, fressureira, gal, lady, machão, machona, machuda, madrinha, moquetona, mulher-macho, pacona, paraíba, pitomba, roçadeira, roçona, saboeira, sandalhinha, sapatão, sapatilha, sapatona. Além desses termos populares e regionais, registre-se os eruditos já citados: *lésbica*, *lésbia*, *lesbiana*, *safista*, *tribade*, *homossexual*. Muitas preferem os termos *gay* e “entendida”, alegando não serem nem discriminatórios, nem impostos pela medicina, mas auto-adotados pela comunidade homossexual. Quanto ao lesbianismo, também o vocabulário popular é variado, quase sempre utilizando verbetes que sugerem a fricção

<sup>1</sup>Pires de Almeida, José Ricardo. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia, 1906.

dos corpos das tribades no ato amoroso: bate prato, fazer aruá, fazer urna, fazer sabão, fazer roçadinho, fressura, roçar, sapataria, sapateado.

Várias têm sido as definições propostas por diferentes autores do que consideram ser o lesbianismo. Para que as leitoras e leitores informem-se desta variação conceitual, resumiremos as principais tendências desta polêmica questão, cujas implicações políticas são muito mais importantes do que a mera erudição academicista.

No seu belo livro *Amor entre mulheres*, Charlotte Wolff chama a atenção para o fato de que “até hoje não surgiu nenhuma teoria que trate exclusivamente do lesbianismo. As mulheres homossexuais têm sido tratadas pelos pesquisadores como as mulheres são geralmente tratadas: como o segundo sexo”.

Tanto os dicionários contemporâneos quanto os primeiros sexólogos do século passado contentaram-se em definir o lesbianismo como a inclinação amorosa de mulher por outra mulher, com a qual se entrega a toda espécie de atos voluptuosos – definição proposta pelo Dr. Magnus Hirschfeld, um dos precursores dos estudos sexológicos, cujo Instituto para a Ciência Sexual foi queimado pelos nazistas em 1933.

Para os autores do manual *Erotologia Feminina*, obra que teve ampla circulação em nosso país, e que vem comentada no segundo capítulo deste livro, “entende-se por safismo ou amor lesbiano o desejo físico que uma mulher sente por outra mulher, acompanhado ou não de amor sentimental, o que a obriga a procurar, junto a um sexo semelhante ao seu, sensações, delírios, espasmos semelhantes ou análogos aos que provoca na mulher a união sexual com o homem.”<sup>2</sup>

Ambas as definições, como se percebe, enfatizam o lesbianismo enquanto relação homossexual, dissociando-o, a segunda sobretudo, da inclinação amorosa, e comparando-o, em termos sensuais, à heterossexualidade. O referencial continua sendo a cópula com o sexo oposto. Tal é a concepção mais antiga e corrente no senso comum, identificando o lesbianismo mais como homoerotismo do que “amor entre mulheres”.

Mais recentemente, quando as lésbicas passam a escrever sobre si mesmas, transformando-se de objetos em agentes de sua história, propõem uma definição mais política e menos sexista do lesbianismo. Em 1970, o grupo “Radicalesbians”, dos Estados Unidos, assim se expressava:

“O que é uma lésbica? Uma lésbica é a revolta de todas as mulheres, condensada no ponto de explodir. É a mulher que começa muitas vezes em tenra idade a agir de acordo com sua compulsão interior, tornando-se um ser humano mais completo e livre do que sua sociedade quer permiti-lo.

<sup>2</sup>Forel, Vachet, Ellis, Moll, Hirschfeld. *Erotologia feminina*, São Paulo, Edições Brasil, s/d. p. 6.

As lésbicas, portanto, não estão dispostas a aceitar as limitações e opressões que lhes são impostas pelo mais básico papel social: o papel de fêmea.”<sup>3</sup>

Explicitando tal conceito, o “Coletivo de Lesbianas de Barcelona”, o grupo de mulheres homossexuais mais combativo da Europa, assim se define sobre este assunto num documento divulgado em 1977:

“Que é uma lésbica? A lésbica é a mulher que se identifica como mulher, que se erige como sujeito e objeto de sua própria sexualidade, que se reivindica mulher em função de si mesma, que subverte todos os esquemas e papéis que deram lugar a normas sexuais estabelecidas. Em definitivo, a lésbica é a mulher que de qualquer forma e sob qualquer circunstância se rebela contra as limitações e opressões impostas pelo papel considerado o mais inferior da sociedade: o papel feminino.”<sup>4</sup>

Atente-se para a diferença fundamental entre as duas conceituações: os sexólogos enfatizando sobretudo a interação sexual entre as lésbicas, subdividindo-as numa infinidade de tipos: tribades e safistas, ativas e passivas, congênicas e viciadas, masculiniformes e feminífilas, etc., etc. As próprias lésbicas quando se autodefinem, ao contrário, dão maior ênfase à identificação que uma mulher desperta na outra e no significado revolucionário de sua opção sexual-existencial de independência face aos donos do falo.

Em seu importante livro *Ultrapassando o amor dos homens: a amizade romântica e o amor entre mulheres do Renascimento à Atualidade* (1981), obra ainda não traduzida para nossa língua, Lillian Faderman assim define o amor sáfico: “O lesbianismo descreve uma relação na qual duas mulheres trocam fortes emoções e afeto entre si. O contacto sexual pode ser parte desta relação num maior ou menor grau, ou pode estar inteiramente ausente”. Portanto, a interação sexual pode até estar ausente num envolvimento emocional de duas lésbicas.<sup>5</sup>

Nesta mesma perspectiva, o “Grupo de Luta pela Libertação Lesbiana”, de Barcelona, em seu manifesto de 1981, aprofundou tal ponto de vista com bastante sensibilidade e clareza:

“A lésbica não persegue o prazer sexual como finalidade única na relação com a companheira. Seu objetivo não é tanto o sexo, senão a busca de níveis profundos de comunicação, esferas de ternura, carinho e delicadeza. A essência do amor lésbico é a pura sensibilidade. Poder-se-ia dizer que a lesbiana sexualiza a amizade, pois a relação sexual nasce de um sentimento profundo que tem sua base no amor.”

<sup>3</sup>Wolf, Debora G. *The lesbian community*. Los Angeles, University of California Press, 1979. p 63.

<sup>4</sup>Enriquez, Jose Ramon. *El homosexual ante la sociedad enferma*. Barcelona, Tusquets Editor, 1978, p. 177.

<sup>5</sup>Mirabet i Mollol, Antoni. *Homosexualidad hoy*. Barcelona, Herder, 1985. p. 368.

Dá a diferença fundamental que existe entre a homossexualidade masculina e feminina: segundo o Relatório Kinsey, contrariando as ilações de Simone de Beauvoir, 37% dos homens tiveram experiências homoeróticas que levaram ao orgasmo, enquanto as mulheres são apenas 13%. Da mesma forma, os homens exclusivamente homossexuais representariam 4% da população masculina, enquanto as mulheres exclusivamente lésbicas não ultrapassariam 2,3%. No tocante à performance sexual, também as lésbicas apresentam comportamento diverso: 71% das mulheres limitaram-se a uma ou duas parceiras, enquanto somente 51% dos gays masculinos testemunharam idêntica falta de gosto pela variedade. Dá a constatação de que as ligações sáficas são muito mais duradouras que as dos homens entre si, ocupando as carícias, beijos e abraços lugar de maior destaque do que a fixação na genitália – igualmente o oposto do que ocorre quando os parceiros pertencem ao gênero “penis erectus”. Apesar de Kinsey e seus colaboradores terem comprovado que a capacidade orgásmica da mulher é biologicamente maior do que a do homem, observaram também que a interação erótica entre lésbicas envolve, via de regra, a totalidade corporal, enquanto os varões concentram-se nas áreas genitais. Estes dados confirmam a opinião das lésbicas tão bem sintetizada por Charlotte Wolff quando disse: “Não é o homossexualismo, mas o *homoemocionalismo*, que constitui o centro e a própria essência do amor das mulheres entre si.”<sup>6</sup>

Na falta de estatísticas sobre a incidência diferencial entre a homossexualidade masculina e feminina no Brasil, lançamos mão de um índice fidedigno, posto que produzido no anonimato. Trata-se dos grafitos de banheiro analisados por Gustavo Barbosa em sua tese de mestrado, *A literatura proibida* (Brasiliense, 1984). Primeira constatação: os temas homossexuais – escritos, desenhos, etc. – aparecem nos sanitários masculinos em 21% do total das mensagens, enquanto nos toiettes femininos reduz-se para 16%. Segundo: na maioria dos grafitos femininos observados nos banheiros das universidades, beiras de estrada, estações, etc., pelo Brasil afora, é muito comum o tom sentimental – “usa-se a três-por-dois o verbo amar”, temperado com doses variáveis mas raramente muito picantes de pornografia, por exemplo: “Te amo, minha louca gostosa”, ou: “Eu amo você, mulher”, ou ainda “Ana serpente, nem sente, que me envenenou . . .” Pesquisa, portanto, que reforça e confirma o que até agora se tem afirmado: que a homossexualidade feminina é menos freqüente do que a masculina, implicando maior ênfase na emoção e sentimentos amorosos do que no erotismo genital.

Adotamos, por conseguinte, neste livro, o conceito mais atual e abrangente de lesbianismo – aquele defendido pelas principais interessadas

<sup>6</sup> Wolff, Charlotte. *Amor entre mulheres*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

no assunto: lésbica é a mulher que alimenta forte emoção e afeto por outra mulher, incluindo ou não relações eróticas. Excluímos desta definição o amor e afeto maternal e filial, embora alguns autores e autoras pretendam que seja lésbica a primeira relação estabelecida entre uma recém-nascida e sua mãe de leite.

Dada a milenar repressão sexual a que estiveram subjugadas as filhas de Eva após a tentação da maçã – escravidão que incluiu cintos de castidade, amputação de clítoris, costura dos grandes lábios vaginais, aprisionamento em conventos e torres incomunicáveis, confinamento nos recônditos das cozinhas e quartos de bordar, obrigando-se às virgens a total ignorância, inexperiência e passividade sexuais, obviamente que não poderíamos esperar que o homoerotismo feminino fosse tão sôfrego, genital, perverso e visível quanto o dos amantes da pederastia. Apesar da história registrar alguns casos de lésbicas mais afoitas em realizar seus impulsos libidinosos, boa parte das mulheres homossexuais do passado talvez não tenha se permitido intimidades eróticas com suas amadas, tamanha a repressão e o controle a que estavam subjugadas. Várias das lésbicas da nossa história certamente se incluíam nesta categoria, posto que embora tenham vivido fortes emoções com outras mulheres – as famosas “amizades particulares” – não há documentos comprobatórios de que tal emoção chegou ao delírio do orgasmo compartilhado. Nossa augusta Imperatriz Leopoldina é uma boa ilustração desta categoria de mulheres, pois, além de uma série de elementos biográficos reveladores de que esta Princesa Habsburgo, apesar de sete filhos, cultivou abertamente habilidades e comportamentos atribuídos ao sexo masculino, suas inúmeras cartas para a governanta Maria Graham, assim como as respostas desta, não deixam a menor dúvida de que ambas mantiveram forte emoção e profundo afeto uma pela outra, a ponto de nossa Imperatriz declarar: “Quantas vezes, com saudades, penso em nossas conversas diárias, persuadindo-me com esperança, de vos rever ainda na Europa, onde nenhuma pessoa do mundo será capaz de me forçar a deixar de vos ver diariamente, e dizer, de viva voz, que sou, para toda a vida, vossa amiga afetuosa e dedicada . . .” Se em carta Maria Leopoldina arriscava-se tanto, imaginemos quão fortes deveriam ter sido suas emoções trocadas na intimidade.

Tivemos por bem incluir também neste livro as mulheres “invertidas”, aquelas brasileiras ou estrangeiras aqui vivendo que manifestaram comportamento roupas ou preferências opostas, ao inverso do que ditava o figurino e os padrões sociais para o belo sexo. Por exemplo, Maria Quitéria, a grande heroína baiana das guerras da Independência, que trocou a boneca pela espingarda e as saias pela farda de soldado, alistando-se no Exército, incógnito seu gênero, com o nome de “Soldado Medeiros”. Se praticou o roçadinho, não há documentos comprobatórios: quanto à sua

inversão sócio-sexual, como a de Santa Joana D'arc, de George Sand e de tantas outras, a quem o povo chama de "mulher-macho", não há como negá-la. Aqui também nunca seria demais insistir que a inversão não implica necessariamente a prática do homoerotismo.

É sobretudo no capítulo segundo, "As Lésbicas na Literatura Brasileira", que encontramos os melhores exemplos e as descrições mais coloridas de nossas invertidas – várias delas também praticantes do tribadismo. As famosas "Maria-Sapatão . . . de dia é Maria, de noite é João". Na qualidade de antropólogo, antecipo minha pouca familiaridade com a bibliografia e a crítica literária sobre o erotismo feminino. Não havendo até o presente sequer uma bibliografia consagrada ao lesbianismo no Brasil, esperamos que esta listagem aqui apresentada seja ampliada por outros pesquisadores, inclusive aprofundando a crítica e análise literárias, posto que contentamo-nos em transcrever as passagens dos livros onde mais explicitamente se descreveram personagens ou situações lésbicas. O excelente trabalho de Mara Faury, *Uma flor para os malditos* (1984), aborda tão somente o lesbianismo na literatura européia: nossa esperança é que outras estudiosas dediquem a mesma atenção à produção literária nacional. Nossa lista bibliográfica é apenas a ponta do iceberg.

Não discriminamos autores nem estilos: desde que tratasse do amor entre mulheres, ou de invertidas, incluímos na relação, que abrange desde poema de Gregório de Matos até quadrinha de pé quebrado dos trovadores de cordel, indo de Joaquim Manoel de Macedo a Cassandra Rios, das memórias de Pedro Nava aos catecismos de sacanagem de Carlos Zefiro.

"As lésbicas na atualidade" é o último e maior capítulo deste livro. Com base sobretudo em cartas, consultas, reportagens e depoimentos publicados em revistas e jornais, reconstruímos os principais aspectos do lesbianismo no Brasil contemporâneo: quem são as lésbicas, como vivem, quais os problemas, discriminações, angústias e alegrias desta minoria nas últimas décadas. Utilizei fartamente o Boletim do Grupo de Ação Lésbica Feminista, o primeiro e único grupo brasileiro de militância homossexual exclusivamente feminino.

Como não podia deixar de ser, ao tratar das lésbicas mais famosas de nossa sociedade contemporânea não omiti seus nomes verdadeiros. Já que nem a Constituição Brasileira nem nosso Código Penal referem-se à homossexualidade, não sendo portanto nem crime nem delito ser homossexual – e considerando que em fevereiro de 1985 o Conselho Federal de Medicina decretou que no nosso país a homossexualidade não pode mais ser classificada sequer como "desvio sexual" – o que vale dizer que além de legal é normal ser homossexual –, somente preconceitos inspirados em princípios inquisitoriais poderiam culpar-me de insulto ou calúnia, quando nomeio nossas lésbicas mais célebres. Já que cautela não faz mal a ninguém,

tive porém o cuidado de *sempre* citar alguma fonte, geralmente referência escrita em jornal, livro, revista, ou quando menos entrevista em Rádio, TV, show, etc., em que a própria celebridade ou outra pessoa devidamente identificada referiram-se à sua tendência ou prática do lesbianismo.

Como desgraçadamente ainda vivemos numa sociedade altamente discriminadora da homossexualidade, para evitar problemas e dissabores, tanto à minha pessoa quanto às mulheres infamadas publicamente de lésbicas, vi-me forçado, a contragosto, a omitir os nomes de mais de uma dezena de tribades contemporâneas que por não assumirem publicamente suas preferências sáficas não deixaram ainda documento algum que pudesse alicerçar o murmúrio ou certeza pública de sua orientação homófila. Em minha vida acadêmica, como aluno e professor universitário, em congressos científicos e conferências, deparei-me com dezenas de lésbicas famosas em suas respectivas áreas, que embora fossem alvo de comentários e fofocas dos colegas nunca sentiram necessidade ou desejo de compartilhar o seu segredo comigo nem dar-lhe publicidade. O mesmo silêncio manterei sobre as lésbicas que muitos de nós conhecemos na política, no governo, na Política Feminina, nos esportes, etc., sobre as quais todos comentam, mas por respeito ou por temor ninguém divulgou por escrito o que oralmente é do conhecimento público. Infelizmente, tenho de repetir ainda o mesmo subterfúgio utilizado há quase um século pelo criminalista Viveiros de Castro, em sua obra pioneira *Atentados ao pudor*, onde discorre longamente sobre um político do tempo imperial, "muito conhecido pela sua ostentação pública, que andava sempre com amantes por toda a parte, arranjava-lhes bons empregos, dava-lhes grandes mesadas e até chegou a casar mais de um. De grande talento, de variada instrução, este homem tornou-se um jornalista famoso, temido e vigoroso, de uma argumentação cerrada. Deixou como membro de comissões mais de um parecer notável, não só pela ilustração como pela linguagem correta e clássica. Foi presidente de Província. Apesar de não conhecer escrúpulos, era um espírito liberal e progressivo, incapaz de ódios e invejas, uma alma esmoler e benfazeja, amigo de seu amigo, dedicado até o sacrifício. Tipo enfim interessante . . ."<sup>7</sup>

Quem seria tão complexo cidadão? Lastimavelmente, por mais que pesquise, até agora sua identidade é um mistério. E, entretanto, quão importante seria conhecê-lo, para incluí-lo na lista dos homossexuais famosos que deram importante contribuição, malgrado seu "desvio sexual", para nossa história política e social.

<sup>7</sup>Viveiros de Castro, Francisco José. *Atentados ao pudor*. Rio de Janeiro, Freitas de Bastos, 1934 (1ª Edição, 1894).

Cem anos são passados, e malgrado a Ciência garantir que nada distingue social ou biologicamente uma lésbica de uma mulher heterossexual – a não ser o objeto de sua orientação sexual – ainda hoje sou obrigado – a contragosto, repito – a esconder os nomes de muitas historiadoras, antropólogas, arqueólogas, advogadas, cineastas, poetisas, artistas, todas lésbicas famosas, orgulhos nacionais. Embora a priori considere as pessoas que enrustem suas preferências homossexuais como alienadas, sobretudo se ponderarmos que geralmente tal segredo só não foi escrito, posto que é do conhecimento da comunidade em que vivem, não pretendo todavia julgar nem ser medida de ninguém: cada qual sabe como, quanto e quando se assumir. Em todo caso, ser lésbica ou entendida, homossexual ou gay, desde 1646 não leva mulher alguma para a fogueira, data em que a Inquisição Portuguesa deixou de considerar o tribadismo como “verdadeira sodomia”. E se considerarmos as enormes vantagens psicológicas e sociais do que os anglofones chamam de “coming out” – isto é, “sair da gaveta” –, certamente que muitas lésbicas enrustidas deixariam de temer ou ter vergonha de revelar que realmente amam outras mulheres.

Perdem-se os anéis mas ficam os dedos: omito hoje, mais por respeito à privacidade alheia do que por temer processos judiciais, os nomes de muitas lésbicas importantes da área cultural, política, administrativa, etc., mas não compactuo com o complô do silêncio dos donos do poder, que sistematicamente destroem ou escondem a identidade sexual “aberrante” das pessoas famosas. Depositei nos arquivos do Grupo Gay da Bahia os originais de um *Dicionário Biográfico dos Gays e Lésbicas do Brasil* que espero ver publicado antes da virada do milênio. Até lá, oxalá, temos esperança de assistir ao filme “Je vous salue Marie” e instaurar-se uma nova mentalidade social respeitadora da livre orientação sexual dos cidadãos. Para que as mulheres que amem outras mulheres não tenham vergonha de assumir tão belo sentimento. Para que o sexo e a sexualidade, em vez de ser critério de dominação, vergonha, violência e opressão, seja fonte de amor, vida e alegria.

## Capítulo I

### AS LÉSBICAS NA HISTÓRIA DO BRASIL

“A história do lesbianismo é praticamente uma página em branco. Conseqüência lógica do estado de alienação da mulher, durante milênios oprimida por um sistema tirânico, heterossexista, sexofóbico e machista: o patriarcado.”

(Manifesto do Grupo de Luta pela Liberação Lesbiana, Barcelona, 1981)